

Congresso abre com festa

Dilze Teixeira

Brasília — A instalação da 47ª legislatura do Congresso “foi uma festa democrática”, como disse o Deputado Sebastião Curió, impressionado com “a ordem e o tom dos discursos” a ponto de declarar entusiasmado: “Se tudo continuar assim, vai ser uma maravilha”. Foi também um acontecimento no clã dos Coelho, em que o grande homenageado era o Senador Nilo Coelho.

A hora do almoço, no restaurante da Câmara, os irmãos do Presidente do Senado, Nilo Coelho, chamavam a atenção de todos: grandalhões, corados, parecidos e comilões. José, o patriarca, Geraldo, Osvaldo e Adalberto, cada um com dois pratos de caculé (feijoada de feijão branco), à frente.

Mais tarde, na sessão de abertura do Congresso, eles tomaram assento na galeria do plenário da Câmara — à exceção do Deputado Osvaldo Coelho — para ouvir o discurso do irmão. Em comemoração, Nilo Coelho ofereceu à noite um coquetel em seu apartamento.

Leitão

O Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, chegou ao Congresso às 14h50min. A entrada do prédio, o Deputado Nelson Marchezan soprou ao Ministro: “Temos logo aí em frente o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.” Leitão interrompeu a caminhada, cumprimentou Ulysses e dirigiu-se em seguida para o gabinete do Presidente da Câmara, Flávio Marcílio.

Lá, sentou-se entre Marcílio e Marchezan, foi apresentado ao Deputado Cunha Bueno e ouviu as desculpas da presidente do PTB, Ivete Vargas, que, afogueada, justificava seu atraso: ela e Cunha Bueno faziam parte da comissão que escoltaria Leitão ao plenário da Câmara. Marchezan convidou Ivete Vargas para sentar-se ao lado de Leitão e ela, delicadamente, recusou, preferindo ficar ao lado do Senador José Sarney, com quem manteve uma conversa paralela. Depois dirigiu-se ao Ministro Leitão e perguntou: “Como está sua mulher? Acho-a tão simpática”.

Enquanto Ivete conversava com Sarney, Marchezan esforçava-se para deixar Leitão à vontade, puxando conversa sobre o processo de leitura da mensagem e referindo-se ao fato de que alguns secretários não a liam toda. Só então o

Ministro saiu do seu mutismo, comentando que nós tribunais há esse mesmo problema com os secretários: “Havia um que conseguia ler atas, até as mais longas, em apenas 30 segundos”, disse. A conversa prosseguiu por mais 15 minutos, até o início da sessão, quando todos se dirigiram ao plenário da Câmara.

No plenário

O Cerimonial do Senado integrou-se no espírito da mensagem do Presidente Figueiredo — conciliação e trégua — colocando o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, ao lado do presidente do PDS, Senador José Sarney, e aproximando parlamentares, de relações estremecidas, como os Deputados Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos, que se sentaram lado a lado no plenário, mas não conversaram, atentos à leitura das mensagens.

O Deputado Paulo Maluf sentou-se na primeira fila do plenário — destinada às autoridades, ministros e convidados — ao lado da presidente da LBA, Léa Leal, com a qual conversou longamente.

O estacionamento da Câmara, com 600 lugares, lotou às 13h30min e a tribuna da imprensa, surpeltada logo no início dos trabalhos, foi invadida por parentes de deputados, que dificultavam o trabalho dos jornalistas credenciados.

Depois da solenidade, a multidão encaminhou-se para o salão negro da Câmara, local do coquetel. O Ministro Ibrahim Abi-Ackel comentou com um assessor: “Vamos sair logo desse sufocó”. Também os Ministros Leitão de Abreu e Saraiva Guerreiro não foram ao salão negro. O único ministro que ficou para o coquetel foi o dos Transportes, Cloraldino Severo, assediado por deputados que lhe pediam favores, como construção de trechos rodoviários em seus redutos eleitorais. Mas, como ele mesmo disse, não se assustou com a enxurrada de pedidos: “Já estou acostumado com políticos. Recebi 250 deputados por mês em meu gabinete.”

Meia hora depois de encerrada a sessão — às 15h30min — já havia 84 deputados inscritos para discursar em plenário no mês de março. O regimento, contudo, estabelece 46 discursos no máximo por mês.